



A disputa pelos bailes funk de São Paulo: uma análise da cobertura da Folha de São Paulo entre 2018 e 2022

Palavras-Chave: Bailes funk, Folha de São Paulo, Cobertura Midiática

Autores(as): Luísa Rodrigues Pelizzaro

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Orientador: Omar Ribeiro; Co-orientadora: Jaqueline Santos

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho busca compreender de que forma os bailes funk são abordados pela Folha de São Paulo entre os anos de 2018 e 2022, com o objetivo de analisar como esses eventos são mobilizados na cobertura midiática e quais concepções sobre eles são construídas ao longo desse período. Considerando a Folha de São Paulo como um dos principais veículos de comunicação da capital paulista, sua escolha se justifica tanto pela amplitude temática que abrange, quanto pela sistematização de um acervo online que facilitou a busca por notícias, dado que, atualmente, mais da metade da audiência da Folha se dá por meio de dispositivos móveis (Romani, 2015). Ainda assim, é importante ressaltar que se trata de um jornal externo às realidades locais retratadas, sendo atravessado por diversos recortes sociais e culturais que influenciam a forma como os temas são abordados.

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que as percepções acerca dos bailes funk estão em constante disputa (Picchia, 2021). Com seu crescimento constante, os bailes funk passaram a ser alvo recorrente de debates nos veículos midiáticos, que passaram a construir e difundir uma variedade de percepções a seu respeito (Azevedo; Silva, 2024). Compreendemos nesse sentido, que a mídia ocupa uma centralidade nos sistemas de interação social, evidenciada pelo seu alcance nos mais variados contextos sociais (Mendonça; Temer, 2015). As notícias veiculadas sobre os bailes funk, assumem um papel fundamental na forma como essa manifestação cultural é tratada, entendida e interpretada.

A centralidade da análise de como os mesmos são mobilizados na Folha de São Paulo constitui a base da estrutura investigativa desta pesquisa. No entanto, não se trata apenas de examinar como o jornal compreende esse fenômeno, mas, sobretudo, de refletir sobre como tais construções reverberam socialmente, permitindo entender como os bailes funk são lidos e interpretados pela opinião pública, mediante a influência midiática (Costa; Romão Filho, 2025).

METODOLOGIA

Neste trabalho, desenvolveu-se um banco de dados de natureza qualitativa com suporte em ferramentas quantitativas, com o objetivo de mapear e interpretar a cobertura midiática sobre os bailes funk no jornal Folha de São Paulo, entre os anos de 2018 e 2022. A codificação das matérias foi realizada a partir de categorias analíticas, que emergiram durante a pesquisa, sendo elas: Repressão Institucional, Violência e Criminalidade, Processos de Legitimação, Difusão Cultural e Produção de Conhecimento, Políticas Públicas e Covid-19.

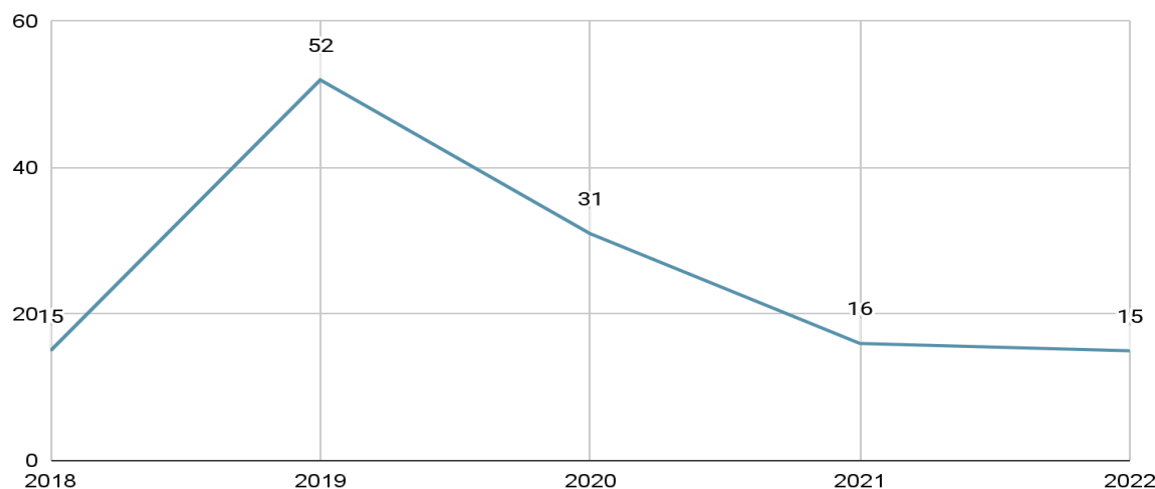
O banco de dados foi estruturado a partir de variáveis como: data da publicação, trecho da matéria, editorial em que a notícia foi veiculada e a categoria analítica correspondente. A partir disso, a quantificação dessas categorias possibilitou a identificação de padrões e a construção de gráficos que auxiliam na leitura dos sentidos produzidos pelas narrativas da Folha de São Paulo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no objetivo central desta pesquisa, considerando os critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, foram reunidas 133 notícias coletadas e organizadas em um banco de dados. Essa sistematização possibilitou tanto a quantificação das ocorrências quanto uma análise crítica das narrativas jornalísticas construídas.

O primeiro enquadramento realizado na pesquisa se deu a partir da organização temporal das notícias, ou seja, dos anos em que elas foram publicadas. Essa etapa foi essencial para compreender em que períodos os bailes funk foram majoritariamente mobilizados. Nesse sentido, observou-se uma discrepância significativa no número de matérias referentes ao ano de 2019, marcada especialmente pela cobertura do massacre de Paraisópolis. Tal evento se tornou um ponto estruturante da análise, na medida em que evidenciou como os bailes funk ganham centralidade nas pautas jornalísticas quando associados a tragédias (Gráfico 1).

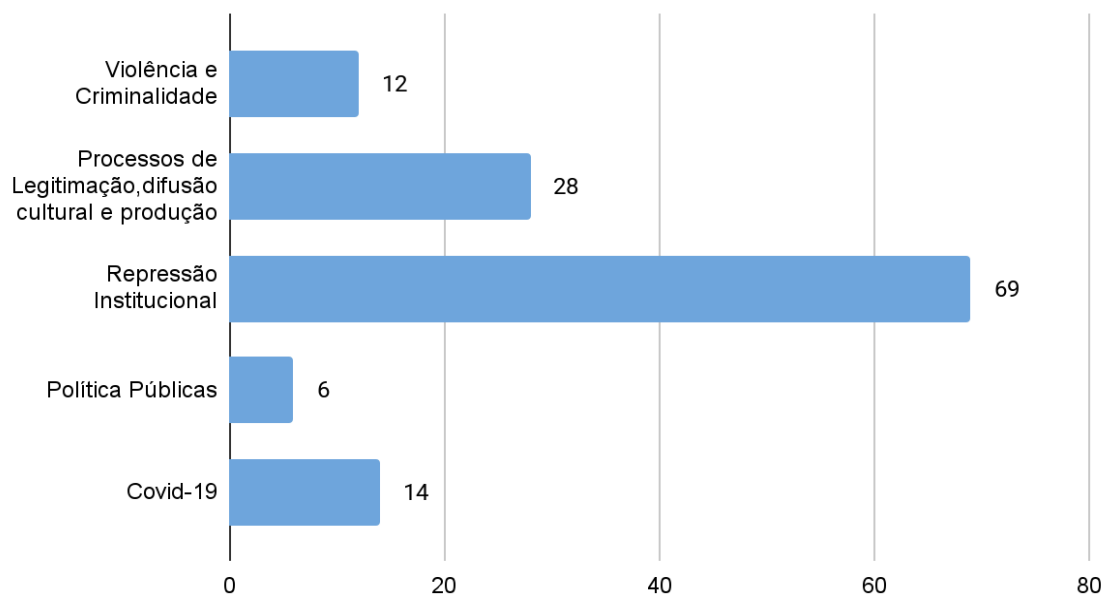
Gráfico 1- Distribuição de notícias por ano (2018-2022)



Concomitante a esse cenário, a incidência da categoria “Repressão Institucional” se evidenciou, com maior concentração justamente no ano de 2019. Não somente, notou-se a interseccionalidade da categoria de “Violência e Criminalidade”, evidenciando que as práticas relacionadas às periferias paulistanas são mobilizadas em sua maioria pela ótica da violência urbana, marcadamente invasivas e agressivas (Feltran, 2014). Nesse sentido, foi possível localizar essa abordagem sob um viés foucaultiano, no qual o controle não é exercido por ações pontuais ou isoladas, mas por um conjunto de práticas que visam disciplinar e restringir determinadas manifestações sociais, como por exemplo, os próprios bailes funk (Foucault, 2014).

Ademais, nota-se também um movimento de resistência acerca da defesa dos bailes funk: a categoria “Processos de legitimação, difusão cultural e produção de conhecimento” ganha uma posição de destaque, articulando políticas voltadas à valorização e defesa dos bailes. Essa categoria evidencia a disputa em torno dos bailes funk, dado que, na mesma medida em que as notícias enquadradas sob o eixo da “Repressão Institucional” e da “Violência e Criminalidade” ganham destaque, também emergem narrativas voltadas à valorização dessa manifestação cultural. Esse contraste reforça a perspectiva de Picchia (2021), ao afirmar que o baile funk é uma manifestação carregada de significados e atravessada por constantes disputas. Trata-se, portanto, de um espaço carregado de tensões, carregando uma constante disputa acerca da narrativa dominante que o caracteriza, tensionado entre discursos que o marginalizam e iniciativas que buscam legitimá-lo como forma legítima de expressão periférica. (Gráfico 2)

Gráfico 2- Distribuição por categorias analíticas



As categorias de Políticas Públicas, assim como, de Covid-19, emergem na agenda de pesquisa como categorias nativas, dado que, surgem conforme a análise das notícias e sua necessidade de inserção no processo de investigação. A categoria de Covid-19 foi delimitada devido às especificidades que esse contexto impõe, dado que, o período pandêmico deteve determinadas especificidades mediadas pelo contexto. As matérias que abordavam diretamente os impactos da pandemia sobre essas manifestações evidenciaram a necessidade de enquadrá-las sob esse recorte. No que se refere à categoria de Políticas Públicas, seu enquadramento ocorreu a partir da identificação de ações governamentais voltadas ao fomento dos bailes funk. Vale destacar que foram sistematizadas não apenas as políticas já efetivadas, mas também aquelas apresentadas enquanto propostas ou projeções de implementação.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa revelou que a cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre os bailes funk, entre os anos de 2018 e 2022, segue majoritariamente uma linha narrativa marcada por aspectos repressivos e violentos em torno dessa manifestação cultural. Compreendemos que, embora existam categorias analíticas que apontem para visões distintas e, em certa medida, de valorização dos bailes, essas não se sobrepõem ao discurso hegemônico que os associa ao

advento da violência. No entanto, a necessidade da sistematização de categorias nativas ao longo da pesquisa se destacou como um aspecto relevante, evidenciando o processo de disputa simbólica. Essas categorias revelam que apesar de uma visão dominante, torna-se evidente a sua complexidade acerca da sua disputa.

Compreendemos, também, que os bailes funk ganham maior enfoque na mídia quando associados a acontecimentos marcantes, especialmente tragédias, como foi observado no caso do Massacre de Paraisópolis. Essa associação frequentemente enquadra as manifestações periféricas sob o viés da violência urbana, minimizando a complexidade desses eventos ao reduzi-los à presença de violências físicas e simbólicas. Em suma, a análise da Folha de São Paulo permitiu compreender a maneira como os bailes funk são abordados na cobertura midiática, evidenciando as tensões e as diferentes óticas que permeiam sua representação na imprensa e, conseqüentemente, respaldando a forma como são lidos e interpretados socialmente.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Desirée de Lemos; SILVA, Ariel Moreira. Pancadão: uma história da repressão aos bailes funk de rua na capital paulista. São Paulo: Centro de Antropologia e Arqueologia Forense, Unifesp; Defensoria Pública do Estado de São Paulo, 2024.

COSTA, Maria Eduarda Figueiredo da; ROMÃO, Sâmela Pereira da Silva; SOUZA FILHO, Ricardo Luiz Muniz de. A influência da mídia na formação da opinião pública: e o reflexo no devido processo legal. *Revista Ibero-*

DEL PICCHIA, Meno. Fluxos, quebrada e musicar funk—se sentir dentro da música. **GIS-Gesto, Imagem E Som-Revista De Antropologia**, v. 6, n. 1, 2021.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. **Caderno crh**, v. 27, p. 495-512, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MENDONÇA, R. F.; TEMER, A. C. R. P. A agenda setting: os meios de comunicação como construtores da realidade social. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 18, n. 1, p. 192–207, 2015

PEDRO, Thomaz Marcondes Garcia. É o fluxo: “baile de favela” e funk em São Paulo. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, v. 2, n. 7, p. 115-135, 2017.

ROMANI, B. Líder entre jornais, a Folha completa 20 anos na internet. Folha de S.Paulo, Folha 20 anos na internet, São Paulo, 8 jul. 2015.